



**PRONOMINAIS:  
CONTRIBUIÇÃO OSWALDIANA PARA A CONSTITUIÇÃO DE  
UMA IDENTIDADE LINGUÍSTICA NACIONAL NO CONTEXTO DO  
INÍCIO DO SÉCULO XX**

Débora Araújo Pereira<sup>1</sup>

Woshiton Carvalho Almeida<sup>2</sup>

Orientadora: Rosely Costa Silva Gomes<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho busca fazer uma análise histórica discursiva do poema modernista “Pronominais” de Oswald de Andrade, e tem por objetivo discutir as contribuições da obra na constituição de uma identidade linguística nacional no contexto do início do século XX. Para isso, recorreremos primeiramente ao período de produção da obra, contextualizando um pouco de teoria e história, e observando como o movimento modernista e o projeto de valorização da identidade nacional se instalou na época; seguindo, trataremos de abordar a língua como elemento de identidade; e em última instância procederemos à análise de “Pronominais”, reconstituindo suas condições de emergência, verificando possíveis discursos e sentidos que podem ser retirados de sua enunciação como forma de compreendê-la como um gesto de ruptura com a tradição artística anterior e valorização da identidade linguística nacional.

102

**Palavras-Chaves:** Discurso. História, Modernismo. Pronominais. Identidade.

**PRONOMINALS:**

**Oswaldian contribution to the constitution of a national linguistic identity in the context of the early 20th century**

**Abstract:** The present work seeks to make a discursive historical analysis of Oswald de Andrade's modernist poem “Pronominais” and aims to discuss the contributions of the work in the constitution of a national linguistic identity, in the context of the early twentieth century. For this, we will first resort to the period of production of the work, observing the modernist movement and the project of valorization of the national identity that took place at the time; following, we will try to approach language as an element of identity; and ultimately we will analyze “Pronominals”, reconstituting its emergency conditions, verifying possible discourses and meanings that can be removed from its enunciation as a way of understanding it as a gesture of rupture with tradition artistic background and appreciation of national linguistic identity.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Letras – e-mail: [deboraaraujoa@yahoo.com.br](mailto:deboraaraujoa@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Letras – e-mail: [woshialmeida@gmail.com](mailto:woshialmeida@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1997). Especialista em Comunicação e Semiótica e em Literatura Brasileira. Doutora em linguística (com ênfase em Análise do Discurso) pela Universidade Federal de Uberlândia – e-mail: [Rosely.costa@uesb.edu.br](mailto:Rosely.costa@uesb.edu.br)



**Keywords:** Speech. History, Modernism. Pronominis. Identity.

## INTRODUÇÃO

O traço da língua como projeto de valorização da identidade brasileira no século XX simbolizou uma proposta radical dos modernistas, que se submeteram desconsiderar o passado preso da linguagem tradicional e buscaram afirmar a construção de uma nova identidade.

Através da língua se propôs uma reapresentação do que era nacional, o modernismo procurou valorizar, sobretudo, a pluralidade local, reconhecendo e dando atenção as coisas nacionais, como a língua falada pelas pessoas nas ruas, a produção nacional livre dos modelos acadêmicos ou estrangeiros, que serviram para recriação da nova face que a sociedade brasileira passou a ser concebida.

Partindo dessa premissa, nota-se que “Pronominais” surge como esse modelo de afirmação, por trazer consigo os novos caminhos de reconhecimento da identidade linguística nacional que, nesse momento inicial do modernismo, foi colocada em discussão.

Por isso, o nosso foco neste estudo detém-se da análise histórica discursiva do texto “Pronominais” de Oswald, buscando observar como o poema contribui na constituição da identidade linguística nacional no início do século XX, uma vez que, ainda perpassado por um contexto histórico movido por uma estética tradicional acadêmica, rígida, estrangeira, Oswald o apresenta como sendo um gesto de ruptura.

Nesse sentido, o que se busca entender neste estudo, são os possíveis sentidos que podem ser retirados da obra como forma de compreender essa valorização da identidade linguística nacional e, por meio das condições de emergência da obra, identificar como estão constituídos os discursos, a posição do sujeito, bem como as inferências que possibilitaram na história tornar possível essa produção de Oswald.



Configurado a isso, é nessa vertente que primeiro trataremos de discorrer o período de produção da obra, contextualizando um pouco de teoria e história e observando como o movimento modernista e o projeto de valorização da identidade nacional se instalou na época; seguindo, abordaremos a discussão da língua como elemento de identidade; e em última instância procederemos à análise de “Pronominais” e finalizaremos com as considerações finais.

Assim, se faz necessário essa discussão, pois Oswald, em “Pronominais”, aponta para a busca incansável pelo o nacional. “O bom negro e o bom branco” como ele cita no poema (que será analisado em folhas abaixo), seria, nessa perspectiva, os sujeitos que se propõem a preencher os vazios da história brasileira. Sua cultura, sua fala, seu modo de viver passa a ser, na sociedade modernista do século XX, a máxima expressão do abasileiramento, do reconhecimento e da diversidade cultural, artística, cultural, etc.

Para a presente discussão, será efetivada pesquisa exploratória, com enfoque bibliográfico nos estudos de Clarissa Loureiro e Antonio da Silva Lima sobre “A reinvenção da história e de memórias acerca da colonização brasileira em pau brasil: um estudo crítico acerca da recriação da pluralidade de identidades brasileiras pelos modernistas”, e o estudo de Fabiany Luciano “O lugar do enunciado na teoria do discurso de Foucault”, além de outras fontes secundárias como embasamento e suporte. A pesquisa pautou-se pela abordagem qualitativa do problema por adotar a dinâmica das relações entre língua, sujeito, identidade nacional e discurso.

104

## **CONTEXTUALIZANDO UM POUCO DE TEORIA E HISTÓRIA**

Por que se fala em identidade nacional? Ou em outro sentido, por que essa temática é tão discutida no modernismo, em especial, por Oswald? A identidade nacional brasileira nunca foi objeto de discussão antes? É efetivamente com esses questionamentos iniciais que, então, poderemos perceber posteriormente como o texto “Pronominais” vai contribuir na constituição de uma identidade linguística nacional no contexto do início do século XX.



Como se sabe, a identidade brasileira sempre foi uma temática trabalhada por todos os movimentos que por aqui passaram. Desde o descobrimento do Brasil até o início do modernismo, cada autor na nossa literatura buscou criar um cenário para representar a identidade brasileira. Porém, essa foi uma questão que nunca chegou a respostas satisfatórias, já que a cultura brasileira sempre concebeu uma pluralidade de identidades na sua evolução histórica. Cada movimento, cada autor que aqui contribuíram, desde os séculos XV a XX, trataram de abordar suas versões e perspectivas daquilo que viu e viveu.

No modernismo isso não foi diferente. Podemos perceber que Oswald extraiu de si seu máximo para construir a realidade que ele viu e viveu, podemos perceber ainda que o modernismo em si foi um movimento de fases e, em cada uma dessas fases, tinha-se uma nova rerepresentação da identidade brasileira.

Mas, o que é então identidade nacional? De acordo com Zilá Bernd (1992, p. 10) em seu texto, “Literatura e identidade nacional”, ela aborda que, com relação a identidade nacional, esta deve ser entendida “como um processo em permanente movimento de deslocamento, como travessia e como uma formação descontínua que se constrói através de sucessivos processos de reterritorialização e desitertorialização”.

Daí se pode tirar como entendimento que a identidade nacional, na sua constituição, é uma construção histórica de reconhecimento, pertencimento e se faz em movimento, pois é decorrente de representações que foram e são constantemente modificadas ao longo do tempo. Diz Bernd que seria mais propriamente “um conjunto de representações que um indivíduo ou um grupo tem de si próprio”, ou seja, cada período sempre é construído de uma visão diferente. Uma identidade nacional que foi construída no Realismo por Machado de Assis, por exemplo, não foi a mesma que Oswald construiu no modernismo, e nisso se percebe que cada momento na história se ocupou de contar a sua identidade.

É nesse sentido que parte o questionamento: qual era, então, a identidade que se pregava no modernismo? Como explica Clarissa Loureiro e Antonio da Silva Lima (2016, p. 126), “o modernismo foi uma proposta radicalmente oposta



ao que se conhecia até aquele momento”. Por essa afirmação, já se pode compreender que a identidade nacional no modernismo foi, antes de tudo, um gesto de ruptura, pois não buscou representar as mesmices que anteriormente foram trabalhadas por outras estéticas (como o parnasianismo, o simbolismo), e sim uma afirmação pelo que era novo e visivelmente diferente.

Assumiu-se, desse modo, a preocupação de tratar do que era propriamente nacional. Essa preocupação foi recorrente devido à necessidade de uma afirmação brasileira que inspirasse no povo o sentimento de identidade, essencial para o processo de reconhecimento da cultura.

É ligado a isso que “o modernismo [...] coloca a língua como seu objeto de análise e de fazer artístico” (LOUREIRO, In. 2016, p. 126), traduzindo-se pela abordagem da língua como sendo uma das principais temáticas de afirmação da identidade, uma vez que passou a privilegiar o que era comum do brasileiro, como a exemplo da fala coloquial, seu jeito de relacionar com a sociedade, sem se preocupar com um padrão imposto. Por meio disso foi se construindo a identidade, tornou-se importante falar do Brasil a partir de uma visão mais local.

E é nessa linha de pensamento que entra o grande modernista Oswald de Andrade que, com o objetivo de rerepresentar o processo de construção da nacionalidade brasileira, sempre alicerçado no ideário europeu, construiu uma literatura de valorização dos tipos formadores da nação brasileira, nomeando a língua como o símbolo do povo brasileiro.

Tal percepção foi assim construída, pois o que se tinha antes disso era um passado preso as velhas ideias, que se baseava em modelos prontos, chegados em nossa literatura para serem seguidos. Os autores brasileiros seguiam, sobretudo, a imitação do que era vindo do exterior, sendo a cultura europeia muito cobiçada por eles, que preferiam imitá-los a fazer suas criações originais e voltadas de fato para a cultura brasileira.

E foi nesse pensamento que Oswald chega para diferenciar, já que era necessário falar do nacional. E nessa perspectiva, percebe-se uma atitude de valorização à pátria que, por parte de Oswald, vem para romper com o passado



e na mesma instância repudiar aqueles que olhavam para a sociedade brasileira com os olhos europeus.

Assim, complementa Loureiro e Lima (2016, p. 127), em uma citação que eles fazem de Dias (2012), que Oswald foi tão fiel a essa busca incansável pelo nacional, como um entusiasta artístico da época, que ele “se aproveitou do termo futurismo, reinventando-o conforme as necessidades estéticas e políticas dos modernistas brasileiros”, sendo este posicionamento “uma propaganda para a difusão de um novo conceito de futurismo, que seria posteriormente desvinculado do futurismo europeu” (2016, p. 127).

No entanto, os autores acrescentam ainda que tal difusão só foi veementemente consolidada mais tarde, “com a Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922, quando às vésperas da semana escritores brasileiros traziam notícias de uma literatura europeia em crise” (2016, p. 127), e nessa notícia surgiu por completo o modernismo, que veio para propor uma nova forma de fazer artístico.

A expressão imediata da Semana se traduziu na [...] orientação revolucionária, rompimento com o passado, e livres das expressões academicistas vigentes. O que se traduzia numa literatura de deboche por meio de piadas, sarcasmos e utilização de mitos brasileiros. O uso de um linguajar coloquial era uma tentativa de exprimir a identidade nacional brasileira numa redescoberta do Brasil (LOUREIRO, In. 2016, p. 127).

Diante disso se constituiu o modernismo. E o projeto de constituição da identidade nacional, com base na citação, se fez por uma recriação inovadora dentro da literatura, que trouxe a língua como um elemento de afirmação e também de ruptura.

## **A LÍNGUA COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE**

Como anteriormente discutido, a língua representou um importante elemento na constituição da identidade brasileira no início de século XX, e isso só foi possível graças aos modernistas, que trataram de resgatar o projeto de



identidade nacional pensando a língua como sendo o principal meio de afirmação e valorização da nossa cultura.

Sendo o modernismo constituído dessa forma, buscou-se de fato falar das coisas do Brasil, não só a língua como outras coisas também, são exemplos as novas ideias científicas e tecnológicas que foram se fundando ao sabor das condições históricas que o Brasil passava, a formação étnica rica, a riqueza vegetal, mineral, culinária, folclórica e os mínimos detalhes da vida corriqueira que se tinha nesse período.

Tudo isso foi assim reapresentado, porque na nossa cultura, com a forte influência daquilo que sempre veio de fora, não mais refletia as tradições do povo brasileiro. Com isso era necessário tal afirmação para que a cultura brasileira pudesse ser valorizada.

Rita de Cássia Martins Oliveira e Shirley Ferreira (2012), em seu texto, “Literatura e identidade nacional: desafios do romantismo e modernismo brasileiros”, vão nos dizer que a concepção de identidade nacional é uma questão que chega nos escritos brasileiros muito tarde, elas mostram que foi “somente após a independência brasileira é que surgiram, com o movimento estético romântico, as primeiras manifestações literárias de caráter nacional” (2012, p. 2), nos dando a entender que sempre houve uma certa exclusão em falar das coisas brasileiras, sendo mais importante escrever o que sempre vinha de fora.

As autoras ainda acrescentam que é no Romantismo que se “manifestou a primeira tentativa de minimizar a influência europeia e criar um processo de abasileiramento” (2012, p. 2), recorrendo a busca pela valorização dos símbolos nacionais, como a exemplo da natureza e do índio, e foi especialmente no modernismo que essa tentativa volta com mais força.

“Anos mais tarde, com o surgimento do movimento modernista, novamente veio à tona o desejo de estabelecer uma identidade nacional. Mais uma vez, o índio tornou-se protagonista desta história. Porém, não se vê a pureza do Romantismo, que agora dá lugar à miscigenação. O discurso literário que surgiu com os modernistas inaugurou expressões já brasileiras provenientes da herança da mistura étnica que aqui se instalou” (OLIVEIRA, In. 2012, p. 2).



Ou seja, parte do princípio que foi o modernismo um dos principais movimentos que soube apreciar as coisas nacionais, e veio para fazer uma releitura do que antes, na história, por outros movimentos e escritores, não conseguiram fazer.

Enlaçado a essa concepção, voltamos a questão da língua como identidade nacional, e vamos perceber que esta foi uma temática de grande importância no modernismo porque se fez próximo a realidade brasileira. Loureiro e Lima novamente vão trazer uma citação de Dias (2012, p. 59) que claramente traz esse sentido.

“Os modernistas buscavam uma língua livre, que permitisse uma aproximação maior com o falar brasileiro coloquial das diferentes regiões do país e que propiciasse mostrar as diferenças provenientes da mistura de raças e de cultura do nosso país” (DIAS, 2012, p. 59, *apud*. LOUREIRO, In. 2016, p. 126).

109

Com base nessa perspectiva, o projeto dos modernistas era que, afirmando a língua como elemento de identidade, isso fosse capaz de aproximar não só da cultura brasileira, como também o português escrito ao português falado pelo povo. Isso foi recorrente devido as expressões literárias brasileiras que se tinha nesse período estavam sob forte influência europeia. Visava-se, desta maneira, a valorização por uma linguagem que unificasse todos mutualmente.

Estabelecer esse elo com o povo seria também uma forma de ir em contra todas as divisões sociais existentes naquele contexto e, por sua vez, também uma maneira de humanizar a sociedade. Foi pensando assim que os modernistas se basearam na criação de uma língua comum, pois era fundamental que se aproveitasse a pluralidade da língua como uma forma de acolher todos, visto que isso era algo completamente excluído das elites acadêmicas.

Nesse sentimento foi se afirmando os ideais de abrasileiramento, a literatura direcionada mais para o povo nas ruas, para a linguagem coloquial e para a diversidade passa a tomar outra consciência de si, possibilitando que pouco a pouco as velhas ideias fossem minimizadas, sendo possível perceber



que grande parte das obras modernistas já andavam com seus próprios passos, mesmo com todos modelos prontos que ainda continuavam sendo imitados.

Porém, é importante salientar ainda que toda essa afirmação da língua no modernismo, só foi possível graças também aos primeiros estudos da linguística, sobretudo, os estudos iniciados por Saussure em 1916, que trouxe a língua com sendo um elemento de análise sistemática, e mais tarde pelos estudos da sociolinguística que abordou a língua como sendo multidisciplinar, considerando linguagem, cultura e sociedade como elementos inseparáveis dentro de uma comunidade linguística.

Foi em especial no campo da sociolinguística que a proposta da língua se afirmou, permitindo que todas as variações existentes fossem consideradas. Edila Vianna da Silva em seu texto, “A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação”, faz uma citação de Bright (“*As dimensões da Sociolinguística*”, 1974) trazendo a seguinte consideração:

“Identifica um conjunto de fatores socialmente definidos, com os quais a diversidade linguística pode estar associada, como por exemplo a identidade social do emissor, o que identificaria traços dos dialetos de classes sociais ou as diferenças entre as falas dos homens e das mulheres ou o contexto social, relevante no estudo das diferenças entre a função dos estilos formal e informal etc.” (BRIGHT, 1974, *apud*. Silva, p. 50).

De acordo com a citação, é possível identificar que a língua e suas múltiplas variações passa a ser um estudo muito importante no campo da linguística que, por sua vez, considera que todo tipo de diferença é necessário para a formação de uma comunidade em interação.

Nesse contexto, o estudo da sociolinguística foi importante também para ir de encontro ao preconceito linguístico da época. Fez-se necessário reflexões para que toda forma de depreciação, atribuição de juízos de valores ou quaisquer outras ações fossem eliminadas.

E foi se baseando nisso que os modernistas, como Oswald por exemplo, apropriaram-se da língua, visto que, ao longo do nosso processo histórico, o que passou a ser chamado de língua era algo exterior ao povo brasileiro, pois, em



grande parte, era a gramática e a forte presença acadêmica de fora que hierarquizavam a relação entre a língua e os falantes brasileiros.

Assim, resumindo a discussão de tudo que foi apresentado, percebe-se que a língua passa a ser um canal que possibilitou que a nossa identidade nacional fosse assumida e, de certa forma, todos, nesse primeiro momento de revolução do modernismo, fossem também, indistintamente, englobados.

### **PRONOMIANIS: UMA CONTRIBUIÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE LINGUISTICA NACIONAL**

O poema *Pronominais* de Oswald de Andrade, é um texto modernista publicado em 1925, lançado originalmente em Paris, no livro o “*Pau Brasil*”, e representa, nesta fase, uma obra que se volta para falar da língua brasileira com a intenção de romper com os estrangeirismos e o academismo vigente.

Inicialmente, o texto “Pronominais” vem para deixar de lado o português de Portugal, isto porque, segundo a gramática implantada na época, os brasileiros deveriam falar o mais parecido possível com o português de fora, com a evolução da língua de acordo as influências externas, culturais, políticas e sociais do mundo europeu.

Porém, com a consolidação da Linguística como ciência, nesse período, essa situação, especialmente no Brasil, passa a ser modificada, permitindo que a língua e suas variedades fossem valorizadas. Com isso, o que Oswald propôs ao construir “Pronominais” foi demonstrar que a regra da língua escrita não se aplicava mais à língua falada, ele procurou reivindicar a autonomia da língua dos brasileiros, buscando tratar de elementos que descrevessem de fato a nacionalidade do povo.

Para Foucault, a análise do discurso é o campo que dá conta das relações históricas, concretas e latentes nos discursos responsáveis pela construção da realidade (*Apud*, LUCIANO, 2017, p. 63). Baseando-se nesta proposta, analisaremos como Oswald de Andrade construiu a realidade do seu país, através do seu discurso nos enunciados da obra, no seu ponto de vista social e linguístico, e como ele chamou atenção para uma mudança radical que só o



movimento modernista poderia trazer, para que a renovação da identidade nacional linguística brasileira ocorresse. Segue-se, desse modo, o seguinte poema:

### **Pronominais**

Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido  
Mas o bom negro e o bom branco  
Da Nação Brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro.

Com base no que foi introduzido no início deste presente estudo, a língua como traço do século XX, do movimento modernista, simbolizou uma proposta radical dos autores modernistas, que se submeteram desconsiderar todo um passado preso da linguagem tradicional pela busca de uma nova identidade brasileira. Fazendo relação a isso, a perspectiva que o poema supracitado aborda, é a noção de uma proposta que se volta para dizer sobre a linguagem coloquial falada pelo povo nas ruas em oposição resistente ao academicismo da época.

Em algumas sequências do texto isso fica bem visível de ser compreendido. “Dê-me um cigarro / Diz a gramática”, este trecho mostra a exemplificação do que seria o correto segundo a gramática, e ao mesmo tempo uma colocação que expõe uma crítica à imposição das regras e normas da época; ou outra colocação como “Dê-me um cigarro/ para/ Me dá um cigarro” diz o poeta, isso deixa evidente como a forma padrão da escrita está sendo modificada pelo uso comum da língua.

Então, analisando o sentido dessas sequências podemos observar que o poeta faz uma crítica ao formalismo linguístico com intenção de interferir no rumo histórico da língua, colocando-se resistente às normas e buscando valorizar o



nacionalismo. Seu posicionamento aqui revela o que Foucault diz, que “o discurso é tudo o que produz algum tipo de sentido para as pessoas e também uma prática social, produzido nas relações mútuas entre poder e saber que constituem a realidade” (*Apud*. LUCIANO, 2017, p. 62). Então, o sentido do discurso que é atribuído no poema é o de ruptura, o poeta, inconformado, quebra os padrões exigidos em função de construir uma identidade linguística nacional.

Dentre outros trechos analisados se encontra também a sequência, “Mas o bom negro e o bom branco / Da nação brasileira”, que nos revela um sujeito dentro do poema que, para Foucault, “tem uma função no espaço a ser preenchido na formulação de diferentes enunciados” (*Apud*, LUCIANO, 2017, p. 64). O eu lírico, primeiramente, cita a imposição da gramática e depois fala sobre o uso cotidiano da língua, fazendo uma comparação entre a língua que é ensinada como correta e a língua de fato praticada.

Ainda nos revela o trecho “Deixa disso camarada / me dá um cigarro” a ideia de rompimento com os padrões da língua culta e os moldes antes sacramentados por outras estéticas, como o romantismo e o parnasianismo. Neste trecho, há um convite aos escritores influenciadores da língua da época a deixar de lado a forma rígida imposta anteriormente, e olharem para uma escrita mais livre. O autor também muda a ordem do pronome e do verbo que, segundo a tradição gramatical, o pronome oblíquo não pode aparecer no início da frase, devendo o verbo aparecer primeiro. Porém, fica explícito que, na fala, esta regra não se aplica, de maneira que a ordem do pronome e do verbo é modificada no poema, de verbo + pronome oblíquo, passa a ser pronome oblíquo + verbo.

Outra fundamental questão social presente também no poema é o preconceito linguístico, ao qual o escritor vai de encontro. Isto é exemplificado no trecho em que os sujeitos da “Nação Brasileira” são caracterizados com o adjetivo “bom”, representando que também há beleza e vantagens na coloquialidade e desprendimento do português do Brasil usado cotidianamente pelo povo nacional, dando-nos a entender que a língua é heterogênea e esta não deve ser colocada como um juízo de valor ou algo depreciativo.



Ao ser tratado do preconceito linguístico, vemos também que o poeta reduz o distanciamento entre língua culta e a língua popular. “Mas o bom negro e o bom branco”, o traço de união desses dois elementos, do bom negro do bom branco, denota o uso comum da língua, trazendo a ideia que eles são “camaradas” porque ambos praticam o mesmo código para se comunicar, e todos compreendem quando se fala “me dar um cigarro”, mesmo que esta fala seja usada em ocasiões diversas.

Assim, o fato de Oswald construir um poema dessa maneira, trazendo trechos como estes analisados acima, nos ajuda entender que o modernismo foi esse movimento que propôs revolucionar, ao passo que era necessário abdicar das velhas formas para fazer criações especificamente brasileiras.

E podemos perceber uma abordagem muito significativa por parte de Oswald, que procurou tratar em *Pronominais* as ideias de pertencimento, reconhecimento e valorização da língua materna brasileira, ousando falar da diversidade linguística da época com a intenção de afirmar a importância da pluralidade local do nosso país.

114

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Orientados pela questão que originou este estudo, e baseados na perspectiva histórica e linguística e os fios discursivos analisados na obra de Oswald, expomos as contribuições de “Pronominais” para a desconstrução e afastamento de padrões da língua portuguesa, e a afirmação por uma identidade linguística nacional brasileira.

Visto que o cenário do século XX não era dos melhores, vemos que Oswald exaure tudo aquilo que foi importado, propondo uma reconstrução da identidade linguística nacional que todos reconhecessem e se reconhecessem.

A resistência às normas, a inconformidade do próprio Oswald com a cultura brasileira, a influência do estrangeirismo, a estética futurista vigente, os estudos sociolinguísticos foram alguns dos elementos que surgiram com sendo fundamentais por tal reconstrução.



Desta feita, a identidade nacional passou a ser reinventada e rerepresentada pela visão modernista de Oswald, que procurou dar autonomia e liberdade às produções literárias, livres de modelos já prontos, fez sobressair a fala não culta da população tentando extinguir o preconceito linguístico e buscou trabalhar a recriação de uma diversidade linguística em direção a valorização do abasileiramento.

## REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- LUCIANO, Fabiany. **LUGAR DO ENUNCIADO NA TEORIA DO DISCURSO DE FOUCAULT**. SYNTHESIS (LAGES), v. 1, p. 60-68, 2017.
- LOUREIRO, Clarissa; LIMA, Antonio Francimar da Silva. **A REINVENÇÃO DA HISTÓRIA E DE MEMÓRIAS ACERCA DA COLONIZAÇÃO BRASILEIRA EM PAU BRASIL**: um estudo crítico acerca da recriação da pluralidade de identidades brasileiras pelos modernistas. Pernambuco: Revista Entrelaces – Ano VI – nº 07, p. 124-142, jan.-jun. 2016.
- OLIVEIRA, R. C. M. **Literatura e identidade nacional**: desafios do Romantismo e Modernismo brasileiros. Revista Eletrônica, Fundação Educacional São José, 2012.
- SILVA, Edila Vianna da. **A pesquisa sociolinguística**: A teoria da variação. 2011.